

***O JOGO DA CAÇA:
PERCURSOS IDENTITÁRIOS DE HOMENS
JOVENS COM PRÁTICAS HOMOERÓTICAS***

José Carlos Oliveira Chaves¹
Edward MacRae²

RESUMO

Embora nos últimos anos muito tenha sido dito e debatido sobre as identidades, estudos demonstram de uma maneira global que há um consenso no que tange a olhar as identidades como algo que se constrói e se reconstrói durante toda a vida, de modo que, o corpo torna-se uma matéria prima, na qual se dilui a identidade pessoal. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo produzir conhecimento sobre a organização da vida erótica de homens jovens que utilizam o corpo como moeda de troca, que embora tenham desejos e práticas homoeróticas, não se identificam enquanto homossexual. Jovens, na sua maioria de bairros populares, que vêm na sua estrutura corpórea, uma forma de promover sedução, desejo sexual e atrair clientes, num mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza.

Palavras-chave: Corpo, homoerotismo, identidade.

¹ PÓS-CULTURA-UFBA. zecachv@bol.com.br.

² FCH-UFBA. macrae@uol.com.br

APRESENTAÇÃO

Não existe coisa mais íntima do que uma relação sexual, por isso é algo que provoca constrangimento entre os atores envolvidos. Independentemente da orientação sexual em jogo, o ato sexual pressupõe uma permissividade que ultrapassa o limiar das normas e regras estabelecidas socialmente. Um jogo de sedução e desejo, invocados pelos corpos, representado nas ações e atitudes desenvolvidas nas práticas sexuais. Os sentimentos transparecem na extensão do corpo e se colocam em ação nos comportamentos (LE BRETON, 2006). Nesse sentido, o corpo funciona como um vetor direcionador e provocador da fonte de prazer. Este mesmo corpo que quer prazer concede prazer ao outro. E mesmo sem “sentimento”, cria uma confraternização e uma intimidade. Por isso os indivíduos, nas suas práticas sexuais, procuram formas de driblar as questões ditas “morais” entrelaçadas na vida cotidiana, buscando formas de apreciação para o seu deleite sexual.

Nessa perspectiva, partindo do pressuposto de que a sexualidade dá-se no âmbito da cultura, não existe uma forma de “sexualidade normal” nem uma forma de prática sexual mais natural do que a outra. Há, na verdade, uma construção histórica da sexualidade. A identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. Por esse motivo, a divisão da sociedade entre “hetero” e “homo”, definitivamente não dá conta da complexidade das subjetividades que são construídas e manifestadas no registro do meio social. Trabalhar com essa lógica binária não faz sentido, no que diz respeito às identidades, práticas e desejos (BRITZMAN, 1996).

A identidade de gênero é um processo complexo, que incorpora elementos conscientes e inconscientes, associados ao sexo biológico e qualidades estabelecidas pela sociedade, como adequadas às condições do masculino ou do feminino. Na acepção de Saffioti (1992, p.189):

A escolha de assumir certa espécie de corpo, de viver e usar o corpo de certa maneira, implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos. Escolher um gênero consiste em interpretar recebidas normas de gênero de forma a reproduzi-las e organizá-las de novo.

Apesar da importância que os indivíduos dão às rotulações e à necessidade de indicar as práticas sexuais certas e erradas a partir de uma lógica heterossexual, a ampliação das diferenças e a pluralidade de valores têm levado a sociedade a reconhecer que a identidade e a orientação sexual dos indivíduos são essencialmente singulares.

Nesse sentido, a construção da identidade masculina, tratando-se de práticas homoeróticas, busca outros referenciais. Dribla a lógica do imaginário simbólico instituído nas relações heterossexuais, assumindo a homossexualidade formas e significados, a partir das relações e práticas sexuais.

Desde que desempenhem o papel “ativo” na relação, muitos homens mantêm relações sexuais com outros homens, sem nenhum tipo de problema. Com esta postura, acreditam manter a sua identidade masculina. Masculinidade que se atualiza na penetração (HEILBORN, 1999; TREVISAN, 1998). Muitas vezes, entre os indivíduos envolvidos no contexto das relações homoeróticas, há uma negação do sexo, mas não do desejo, sendo a heterossexualidade ostentada como uma forma de segurança da masculinidade. Porém a ineficácia das restrições sociais no sexo mostra que: “O que os indivíduos dizem não é a mesma coisa que fazem”. Nesse sentido, a literatura tenta classificar os homens que mantêm contatos íntimos com o mesmo sexo em diversas categorias. Dentre estas, na Bahia, segundo pesquisa feita por Mott (2000), destacam-se três grandes grupos: “gays ou bichas”, “travestis” e “homens com práticas homossexuais”.

Os “homens com práticas homossexuais”, são, na sua maioria, jovens que não se indentificam e nem se afirmam enquanto “gay”. No universo homoerótico, várias são as sub-categorias utilizadas para identificar esses jovens, tais como: “Bofe” – termo comum no mundo “gay” para categorizar jovem de aparência viril, que esporadicamente mantém relações com homossexuais ou travestis. “Caçadores” - jovens que transam com “gays” em troca de alguma vantagem material. Michê / “garoto de programa” – entre essas duas sub-categorias, não há uma diferenciação muito clara . O termo michê possui dois sentidos: um referente ao ato de se prostituir e o outro ao preço pago pelo serviço prostitucional. Normalmente são jovens que abordam e atendem seus clientes na rua. Os “garotos de programa”, também relacionados ao mundo prostitucional, são os que utilizam os cadernos classificados para anunciar seus serviços sexuais. “Massagistas”/“boys”- jovens que trabalham no mercado prostitucional, nas saunas e em boates como “gogo boys”.

Recorrendo à categoria “caçador”, esta comunicação tem como objetivo produzir conhecimento sobre a organização da vida erótica desses homens jovens com prática homossexual. Jovens que utilizam o corpo como moeda de troca, participantes da cultura do homoerotismo na cidade de Salvador. Procuo compreender as motivações

para a prática, formas de lidar com a sexualidade, modos de vida e visões de mundo. Estes jovens originários das camadas “populares” utilizam os seus corpos joviais em locais públicos e vêm na sua estrutura corpórea uma forma de promover sedução e desejo sexual. Também busco identificar elementos da construção da masculinidade desses jovens e analisar como se estabelecem às relações de poder entre os pares envolvidos.

CENÁRIO DA PESQUISA

Os dados aqui expostos foram tomados em shows de pagode e em bares de bairros populares de Salvador. Na incursão etnográfica utilizei a técnica antropológica de “observação participante”, privilegiando como pontos importantes para essa observação: comportamentos, características e representações associadas ao corpo. Por exigir um grande grau de interação e integração com o grupo estudado, a imersão no local apresentado foi feita de forma bastante cuidadosa. No universo dos homens com práticas homoeróticas, por se tratar de uma atividade multifacetada, não é comum a existência de grupos fortemente organizados. Por isso, privilegiei locais em que esses sujeitos transitam para melhor entendimento e abordagem dos atores em questão. Recorri a três modalidades de produção dos dados empíricos: a observação livre, entrevistas informais e as entrevistas aprofundadas.

Busquei contatos com jovens que mantêm ou mantiveram essa prática em algum momento da sua vida, jovens que tinha algum tipo de conhecimento sobre essas práticas; como também informantes homossexuais de bairros populares. As entrevistas foram intercaladas com conversas informais, que foram de fundamental importância para o surgimento de futuros informantes. No cenário pesquisado dos caçadores, a palavra “gay” não é muito comum. Por isso, durante toda essa comunicação, a terminologia “viado” será utilizada nos discursos pejorativos verbalizados pelos jovens e “homossexuais” como forma de respeito à orientação sexual dos sujeitos em questão.

CAÇA E CAÇADOR

A categoria “caçador” é bastante difícil de analisar e de identificar, pois demonstra ambigüidades e contradições encontradas neste contexto. Os caçadores por não terem uma “profissionalização” no que diz respeito à prostituição masculina e não se verem inseridos nesta, procuram locais dos mais diversos para irem à busca de suas “caças”. Poucos são os que são vistos sozinhos, na maioria das vezes estão em duplas

ou em trios, observam toda a movimentação do espaço em que estão inseridos, sempre tentando encontrar a sua “presa”.

Nos últimos anos, homossexuais de classe média vêm buscando como local de diversão e de paqueras as comunidades periféricas e os espaços em que ocorrem shows de pagode, onde a presença desses jovens é maciça. Em um desses shows, presenciei um número bastante elevado desses indivíduos, e é interessante notar que no local existe certa permissividade entre os jovens e os homossexuais que ali transitam. Alguns chegam a construir rodas com os jovens caçadores, que buscam na figura do “viado” uma espécie de provedor. Bebem e se divertem sem qualquer tipo de constrangimento, manifestando apenas uma grande cumplicidade. Podem se articular e sair logo após o show, ou trocar telefones para se encontrarem depois e dar prosseguimento ao que no local não era apropriado.

Nestas festas, entre os frequentadores, há uma predominância de homens que desfilam mostrando seus corpos perante o público, querendo a todo custo serem notados. O pagode, por se tratar de uma dança sensual, permite que os jovens ali presentes mostrem o rebolado de seus corpos de forma provocativa. Buscam referenciais nos cantores que se apresentam no palco. É comum ver os olhares se cruzarem, demonstrando certa admiração e contemplando a dança do outro, uma espécie de fetiche. Os ditos caçadores quando percebem a presença de um homossexual, logo tratam de se aproximar e mostrar todo seu jogo de sedução. O que chama atenção nestes espaços é que as identidades se confundem de forma a não se saber claramente quem é quem: “a maioria dos caras que vão pra o pagode gosta da putaria... porque é aquele lance de caçadores... o viado dar em cima alimenta o ego dele...” (colaborador)

Como nas comunidades populares, a figura do homossexual assumido, com características femininas, em termos de envolvimento sexual e financeiro, não é algo tão promissor, a figura dos homossexuais de meia idade e de classe média surge como o caminho para se obter prazer e as vantagens que estas relações possam proporcionar. Outro local de atração para esses homossexuais de classe média são os bares de propriedades de outros homossexuais moradores desses bairros. Os donos desses estabelecimentos mantêm todas as informações referentes aos jovens que têm esse tipo de prática, funcionando muitas vezes como intermediários dessas relações.

Segundo informações de um entrevistado, no seu bairro havia um bar que funcionava como um ponto de encontro entre os “entendidos” e os “caçadores”. Ao ser

indagado sobre como isso funcionava, o mesmo coloca que como o seu proprietário é “entendido”, o público que o freqüentava também era e, com isso, chamava atenção dos jovens que a todo instante eram paquerados. No início, a paquera se constituía em se oferecer cerveja e logo em seguida um convite para compartilharem a mesma mesa. Neste contexto as negociações não eram verbalizadas, tudo era feito de forma implícita para que ambas as partes não se sentissem ofendidas nem lesadas. “Depois que este bar surgiu, os meninos ficaram viciados, não queriam outra vida” (colaborador). Admite que independente do bar essa prática seja bastante comum no seu bairro, o bar apenas trouxe um diferencial para a localização das “presas”. Segundo ele, são comuns os jovens irem a Shopping Centers, praias, “loais GLS”³ no intuito de encontrar uma relação desse tipo. A idéia de andarem em duplas ou trios, é para facilitar a abordagem de uma mesa: “A gente senta numa mesa próximo; os viados não andam sós, então é uma forma de se rolar alguma coisa agente não precisa ir pra lugares diferentes, fica todo mundo junto.” (colaborador).

A cultura delimita percursos identitários para diferentes grupos, e o jovem que vê no exercício da sexualidade um campo em que a busca por autonomia e práticas sexuais é simplesmente exercida de forma singular, encontra e constrói novos papéis por meio da socialização com seus pares, exercendo através da sua sexualidade uma forma de sociabilidade e de construção de identidades. Nesse sentido os adolescentes vêem neste tipo de relação uma porta de entrada para o universo sexual.

Jonas (colaborador) constata isso. Hoje, aos 30 anos, refletindo a respeito da sua iniciação sexual com homossexuais, coloca que esta fase na sua vida e dos seus colegas foi bastante interessante, no que diz respeito à aprendizagem sexual. Relata que teve esse tipo de prática dos 13 aos 16 anos de idade. Neste período, conheceu, através de outros colegas da mesma faixa etária, um cortiço, onde existia um “viado” na faixa etária dos 40 anos que mantinha sexo com meninos em troca de dinheiro e lanche. O local era povoado por pessoas de todo tipo - pequenas famílias, prostitutas, idosos etc., mas todos se respeitavam. Na verdade, para aquele indivíduo o espaço servia apenas para o seu deleite, já que o mesmo não residia ali, apenas o alugava com o intuito de utilizá-lo para as transas sigilosas com os adolescentes. Assim, um jovem levava outro, chegando a haver dias em que faziam filas “para ser atendidos”. A porta era fechada quando um entrava e os demais aguardavam a sua vez; funcionava como uma espécie de “clínica”, com a sua sala de espera.

³ Locais para o público de gays, lésbicas e simpatizantes.

O mesmo Jonas relata também que o “viado” sempre lhe pedia para levar outros adolescentes, criando assim uma escala de preferência, de acordo com as práticas de cada um. Quanto maior a intimidade maior a preferência pelo jovem e, conseqüentemente, a sua rentabilidade. Apesar de ser bastante novo quando iniciou esta prática, diz que nunca se sentiu assediado pelo homossexual, colocando que isso era apenas uma forma de sentir prazer, pois sempre todos eram deixados à vontade, sem “forçar a barra” e o limite de cada um era respeitado. Vejamos suas palavras:

No começo fiquei meio apreensivo pela forma que eu fui tratado. O cara vem como se fosse um médico, vai te examina, começa a te tocar... O seu pau, logo encolhe em vez de crescer, essa foi a primeira experiência... Ai os amigos falou: e Jonas ficou todo sem jeito, com medo... E depois eu comecei a tomar coragem e fui pela segunda vez. (JONAS).

Jonas assinala ainda que, com o tempo, foi descobrindo a excitação que este tipo de relação provocava - uma emoção por estar fazendo algo proibido, deparando-se com o prazer sexual. Para ele, estava tirando vantagem e prazer ao mesmo tempo: “ganhava dinheiro, tava tirando uma ponta e assim mesmo tava me excitando... Fiquei viciado” (JONAS). Este tipo de discurso é bastante comum no que concerne às relações tidas como ocasionais, mas o importante a salientar é que o grau de envolvimento que esses indivíduos mantêm com estes ditos “viados” ultrapassa o que eles chamam de “encontros de vez em quando”, já que normalmente esses casos se perpetuam por um longo período de tempo, criando entre os sujeitos envolvidos uma situação em que ambos não conseguem definir que tipo de sentimento que se constitui entre eles.

É comum ouvir casos em que as relações perduram durante anos, constituindo-se até em graus de parentesco. Entre os jovens entrevistados, vários foram os exemplos dados desse tipo de relação. Essa familiaridade, dentro desses contextos, é bastante comum quando as relações são duradouras. Os jovens que mantêm essas práticas, quando casam, chegam a dar seus filhos para seus parceiros batizarem, estes últimos acabam criando laços de amizade com suas esposas. Parece ser uma forma compensatória da legitimação da família perante o fato. Creio que as mulheres, nesse sentido, sabem o que realmente está por traz dessa articulação, mas acreditam estarem também lucrando, no sentido que as formas de apadrinhamento fornecem certo tipo de garantia para o casal e um futuro promissor para seus filhos, uma vez que os ditos entendidos possuem um poder aquisitivo mais elevado do que o deles e, na sua maioria, não têm filhos.

Os caçadores, como são chamados, buscam nesse tipo de relação qualquer tipo de vantagem, mesmo que essa seja apenas sexual. Nos seus discursos é muito comum a frase de que “gozo e ainda ganho”, colocando que, além de obter o prazer sexual, também lucram. Os jovens inseridos nestas práticas não escondem de forma alguma o prazer de ter relações sexuais com outro “homem”. Para eles, o que está em jogo não é a sua masculinidade, mas o tipo de prática utilizada.

Nesses tipos de relações, em que podemos identificar os atores envolvidos como “caçadores de ilusões”, ambos acreditam estarem obtendo vantagens; os “caçadores”, que acreditam estar lucrando com bens materiais, o “caçado”, que normalmente são homossexuais de classe média com alto poder aquisitivo. Esses homossexuais infiltram-se nessas comunidades na perspectiva de obter relacionamentos com jovens de aparência viril. Na verdade, ambos assumem, na prática, a figura de um caçador e buscam suas “caças” utilizando suas estratégias para obtenção de seu objeto de prazer. As regras, nesse sentido, são uma questão de grau, e não de simples concordância ou discordância com um modelo estrutural, e aqui se deve reconhecer que os indivíduos são influenciados por diferentes fontes de referências sócio-culturais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei compreender como essas relações se estruturam no que concerne às identidades travadas neste contexto. É importante salientar que esses jovens, muito embora tenham desejos e práticas homossexuais, não se identificam, necessariamente, e nem se afirmam enquanto homossexuais. E por estar nessa condição, constroem uma nova lógica para as práticas sexuais, independente do seu comportamento e representação social. Ao mesmo tempo, por sentir dificuldade em assumir claramente as suas escolhas, procuram sexo ocasional, evitando relacionamentos duradouros.

Há muitos jovens que na adolescência realizam a sua iniciação sexual com outros homens, muitas vezes mais velhos. Essas experiências, em alguns contextos, fazem parte da dinâmica do rito de passagem para a vida adulta. Nesta pesquisa, pude observar que os jovens ditos “caçadores” vivem suas primeiras relações sexuais com homens, muito cedo. Estas relações marcam suas vidas no que diz respeito às suas experiências e prazeres buscados na adolescência. Assim como o “troca - troca” infantil, em que as crianças experimentam e descobrem os prazeres que o corpo pode proporcionar com outra criança do mesmo sexo. Na adolescência e juventude essa troca muda de figura, sendo nesse sentido valorizado o prazer e os bens materiais que o corpo

possa proporcionar. Taquette (2005), na sua pesquisa, mostra que os adolescentes provenientes de família de baixa renda, que mantêm ou mantiveram esse tipo de prática, tiveram a primeira experiência com homens, na faixa etária entre 14 a 19 anos, e muitas dessas relações em troca de dinheiro.

As relações travadas, pelos caçadores, representam uma complexidade nos comportamentos e ambigüidades que direcionam suas práticas. A normalidade com que essas práticas homossexuais são encaradas legitima a sua heterossexualidade. Esta é estimulada e fomentada perante o seu convívio social. Já que o estranhamento está na “não prática” em troca de “gozo” ou alguma “vantagem”, que esta possa proporcionar. Socialmente esses jovens utilizam do discurso pouco convencional para se promover enquanto machos. Como coloca Trevisan (1998), uma relação entre dois machos significa uma obrigatória decisão de papéis, quem “come” quem? Nesse sentido, o macho quer se diferenciar sendo elemento ativo da relação, o dominador, solidificando sua macheza porque “não dá”. Cabe neste cenário ao homossexual, o papel do passivo contrapondo com a idéia de ativo. Possuidor do falo, na posição de dominação, os homens com práticas homossexuais acreditam que a penetração atualiza a sua masculinidade, encapadas nas suas práticas ditas de “macho”.

Nesta análise se conclui que há toda uma trama de relações que se entrecruzam na vida cotidiana dos jovens e nas representações sociais que estes estabelecem perante si e os outros. Neste debate, a permissividade, as novas descobertas e formas de relacionamentos surgem como algo indiferente da sua postura dita heterossexual ou homossexual. Por isso, o universo de homens que têm práticas homossexuais vai além do que é identificado na nossa literatura como bissexualidade. Como evidencia Ferro do Lago (1999), a bissexualidade não se constitui como uma identidade, mas há um status forjado ou provisório, que dá sentido às experiências que fogem à polaridade da homossexualidade e heterossexualidade. Os indivíduos transitam e se sentem livres para isso. E as relações não se estruturam de forma cartesiana, já que várias são as formas de se relacionar e escolhas dos parceiros. O que se observa é uma cumplicidade entre os desejos e práticas sexuais dos atores envolvidos, mesmo que estes desejos sejam sublimados no corpo como moeda de troca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. **Juventude e sexualidade**, Brasília, UNESCO Brasil, 2004.

ADELMAN, Miriam. Paradoxos da Identidade: A Política de orientação Sexual no século XX. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n.14, p163-171, jun. 2000.

ALMEIDA RLC. **Distribuição espacial da AIDS no município de Fortaleza e seus determinantes sócio-econômicos**. Dissertação apresentada ao Mestrado em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Mestre, 2001.

BARBOSA, R. M. Negociação sexual ou sexo negociado? Poder, gênero e sexualidade em tempos de AIDS. In: BARBOSA, R. G.; PARKER, R. (Orgs.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 73-88.

BRITZMAN, Déborah. Curiosidade, sexualidade e Currículo. In: Louro, Guacira L. **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999, p.89-111.

CÁCERES, C. Masculinidades negociadas: identidades e espaços de possibilidade sexual em um grupo de michês em Lima. In: BARBOSA, R. G.; PARKER, R. (Orgs.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999.

CAMINHA, Adolpho. **Bom – Criolo**, Rio de Janeiro: Artium, 1997.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade: Corpo Metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

CARNEIRO, Teresinha Féres. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre: v.10, n. 2, ago. 1997. Disponível em < <http://www.scielo.br>>. Acesso em 22 jul. 2004.

CARRARA, Sérgio; Simões Julio A. Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Caderno Pagu**, Campinas, n.28, 2007, p.65-89.

CICOUREL, Aoron. Teoria e método em pesquisa de campo. Tradução de Alba Zaluar. In: ZALUAR, Alba (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**, Rio de Janeiro: Alves editora, 1975, p.87-121.

FERRO DO LAGO, R. Bissexualidade masculina: uma identidade sexual? In: M. L .Heilborn (org.). **Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 157-74.

FOUCAULT, Michel. Poder – Corpo. In. **Microfísica do poder**. Tradução e organização de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.145-213.

FRY, Peter. Da hierarquia à Igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver: identidade e política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, pp. 157-174.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura. In: _____. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.13-41.

GUIMARÃES, C. D.; TERTO Jr., V.; PARKER, R. **Homossexualidade, Bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil**. Uma Bibliografia anotada das Ciências Sociais e afins. **PHYSIS**, 2(1), 1992.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social, In: R. Parker e R. M. Barbosa (orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, p.136-45.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. In: _____. **Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.40-58.

LANDES, Ruth. Matriarcado cultural e homossexualidade masculina. In: _____. **A Cidade das Mulheres**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947, p.283-296.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIMA, Dani. Corpos humanos não identificados: hibridismo cultural. In: **Lições de dança**, Rio de Janeiro, n. 4, 2004, p. 81-109.

MARTÍNEZ, Ana Isabel Fábregas, Explorando a sexualidade do michê. **INTERFACES- Gênero Sexualidade e Saúde e Reprodutiva**, Porto Alegre, 1999, p.135-166.

MATORY, J. Lorand. Homens montados: Homossexualismo e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras, In: REIS, João (org.). **Escravidão e Invenção da Liberdade: Estudos sobre o negro no Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1988, p.216-231.

MOTT, Luiz, **A Cena Gay em Salvador em Tempos de AIDS**, Salvador: Grupo gay da Bahia, 2000.

PARKER, R. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, R.; CAMARGO Jr., K. R. Pobreza e HIV/Aids: Aspectos antropológicos e sociológicos. Ministério da Saúde, Brasil. **Sobre a epidemia da Aids no Brasil: distintas abordagens**. 1ª ed., 1999.

PEIXOTO DA MOTA, M. Gênero, Sexualidade e Masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa com adolescentes no contexto de uma experiência. **Gênero, Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**, Niterói: Nuteg/UFF, v.1, n.1, 2000, p.41-52.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê**: prostituição viril em São Paulo: 1ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

RIOS, Luis Filipe et al, Rumo a ADultez: Oportunidade e barreiras para a Saúde Sexual dos Jovens brasileiros. **Caderno Cedes**, Campinas, v.22, n.57, ago. 2002, p.45-61.

SAFFIOTI, Heleieth, I.B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Rosas dos Ventos, 1992, p.183-215.

SARTORY, A.J. Homens e Relações de Gênero entre Sindicalistas de Esquerda em Florianópolis. In: BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Céli Regina Jardim (orgs.). **Tempos e Lugares de Gênero**. São Paulo: FCC; Ed.34, 2001, p.217-240.

SCOTT, J., Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Bethânia Ávila. **SOS Corpo**. Recife, 1991, p.1-27.

SIMÕES, Julio; FRANÇA, Isadora. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo, (org.). **Homossexualismo em São Paulo**, São Paulo, UNESP, 2005, p. 309-335.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (orgs.) **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, p.415-447.

TAQUETTE, Stella R. et al. Relatos e experiência homossexual em adolescentes masculino. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, 2005, p.399-407.

TREVISAN, João Silvério, **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. Rio de Janeiro, Record, 2002.

_____. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino. Rio de Janeiro, Record 1998.

VELHO, Gilberto. **Utopia Urbana**: Um estudo de antropologia Social. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.